

ÍNDICE

EDITORIAL	5
ENTREGA DO PRÊMIO MIL PERSONALIDADE LUSÓFONA DE 2025	6
REGULAMENTO DO PRÊMIO ADRIANO MOREIRA.....	10

JOSÉ MARINHO, 50 ANOS DEPOIS

APROXIMAÇÃO DA REFLEXÃO ESTÉTICA DE JOSÉ MARINHO António Braz Teixeira	12
O SIGNIFICADO DA <i>ARCANA SAPIENZA</i> EM JOSÉ MARINHO Alexandre Teixeira Mendes.....	17
JOSÉ MARINHO: EM TORNO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E FILOSOFIA Artur Manso	30
LENDO JOSÉ MARINHO, OU DA FILOSOFIA João Luís Ferreira	40
JOSÉ MARINHO E ÁLVARO RIBEIRO: A VIRTUDE FILOSÓFICA DA AMIZADE Joaquim Domingues	44
JOSÉ MARINHO E MICHEL HENRY: A “DOCTA IGNORANTIA” E A “SOBRIA EBRIETAS” Jorge Teixeira da Cunha	52
A INSUBSTANCIALIDADE SUBSTANTE MARINHIANA DO SUJEITO METAFÍSICO WITTGENSTEINIANO Marco António Dias	55
SUPRA-INDIVIDUAL INDIVIDUADO E INSUBSTANCIAL SUBSTANTE: ENCOBRIMENTO E DESENCOBRIENTO NA PNEUMATOLOGIA DE ANTERO DE QUENTAL E JOSÉ MARINHO Paulo Borges	59
A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE JOSÉ MARINHO Renato Epifânio	66
A NOÇÃO MONISTA E PANTITEÍSTA DA CISÃO EM DEUS NA METAFÍSICA DE JOSÉ MARINHO Samuel Dimas	73
CORRESPONDÊNCIA ENTRE JOSÉ MARINHO E JOSÉ RÉGIO: UM ASPECTO RELEVANTE Teresa Libano Monteiro	87

OUTROS VULTOS

ANTÓNIO FERRO António Braz Teixeira	94
ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO Jóni Coelho.....	96
ANTÓNIO TELMO Alexandre Teixeira Mendes.....	111
FRANCISCO DA CUNHA LEÃO Artur Manso.....	122
GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI António Braz Teixeira	130
JOSÉ CARLOS CRAVEIRO LOPES José Almeida e Jorge Camanho.....	133
JOSÉ MARIA AMORIM DE CARVALHO Júlio Amorim de Carvalho	134
SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA Joaquim Domingues.....	148

OUTROS VOOS

O FUTURO DAS CULTURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA António de Abreu Freire	158
13%, <i>CASUS BELLI</i> J.A. Alves Ambrósio.....	169
ENTRE CINEMA, ENSINO DA FILOSOFIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO Elter Manuel Carlos	171
REFLEXÃO SOBRE O DIA DE REIS João Luís Ferreira	176
A ESCOLHA DAS PALAVRAS João Seabra Botelho	177
A PALAVRA PERDIDA E A MÚSICA QUE RESTAURA Jorge Chaminé	179
A LÍNGUA DEVE SER UM PALCO DE PAZ, NÃO DE GUERRA Jorge Chichorro Rodrigues	181
APONTAMENTOS SOBRE A LETRA MINÚSCULA: DEUS – POESIA – FILOSOFIA Luís de Barreiros Tavares.....	185
REVISITAR PENSAMENTOS SOMBRIOS Manuel Curado.....	188

DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS | Renato Epifânio194

AUTOBIOGRAFIA 17 | Samuel Dimas199

EXTRAVOO

O INFINITO NO ESPÍRITO DO LUGAR: PARA UMA FENOMENOLOGIA
MÍTICO-SIMBÓLICA E PROFÉTICA DA CULTURA GALAICO-PORTUGUESA | Paulo Borges212

PERIÓDICOS ETERNOS

MOTIM LITERÁRIO EM FORMA DE SOLILÓQUIOS &
EXAME CRÍTICO AO MOTIM LITERÁRIO | Pedro Vistas224

BIBLIÁGUIO

TEÓFILO BRAGA, HOJE: NO CENTENÁRIO DA SUA MORTE | Manuel Cândido Pimentel232

QUESTÕES DE ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA | António Braz Teixeira233

O ADVENTO DO QUINTO IMPÉRIO | Paulo Rola234

DA SAUDADE – DE ENDOVÉLICO POR ATÉGINA:
MITOS & MISTÉRIOS DA PORTUGALIDADE | Renato Epifânio235

O SENTIDO DAS FORMAS: PÁGINAS DE ESTÉTICA LUSO-BRASILEIRA | Alexandre Teixeira Mendes236

COMPREENDER, VERDADE E POLÍTICA EM HANNAH ARENDT | Giovanni Damele239

PERCURSOS DE HISTÓRIA DAS IDEIAS II | António Braz Teixeira240

PORTUGAL E A INVENÇÃO DE UM MUNDO NOVO | Maria Leonor Xavier242

GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA:
OS DESTINOS MANIFESTOS, AS REALIDADES E O RESTO | Jóni Coelho247

SABER O REAL | Luis G. Soto249

DÍAS MENORES | Pedro Arrifano251

AUTOBIOGRAFIA DE JESUS | António José Borges252

POEMÁGUIO

O PORTUGUÊS DE SERVIÇO | Renato Epifânio11

TÚNEL | Fernando de Moraes Gebra92

O SONHO DE ULISSES | Alexandra Barreiros92

NYNEVE OU A DAMA DO LAGO | Manuel Dugos Pimentel93

SENHOR, VOSSOS RIOS | Manoel Tavares Rodrigues-Leal156

UTOPIA; LAR; INQUIETO | João Franco157

VOZ PASSIVA | Jaime Otelo230

DO AMOR CELESTE | Paulo Jorge Brito e Abreu230

ENQUANTO A NOITE FOR A NOITE | Joel Henriques231

GANZFELD | António José Borges254

GRANITO & MÁRMORE; TORGa | Jesus Carlos257

MORADAS: CADERNO POÉTICO E VISUAL

Poemas de Manuel Cândido Pimentel; Ilustrações de Cláudia Guerreiro258

MEMORIÁGUIO (p. 280), MAPIÁGUIO (p. 281), ASSINATURAS (p. 281), COLECÇÃO NOVA ÁGUIA (p. 284)

EDITORIAL

N o trigésimo sétimo número da *Nova Águia*, o destaque maior vai para José Marinho, por muitos considerado como, provavelmente, o maior filósofo português do século XX, não apenas pelo “conteúdo” da sua obra – por muito que este tenha decorrido do seu fino e fundo diálogo com, entre outros, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra –, como também, senão sobretudo, pela “forma” com que se expressou, em particular na sua *Teoria do Ser e da Verdade*, a sua obra de maior estatura metafísica, publicada em 1961, qual “montanha inacessível na planície acidentada do pensamento português”, nas lapidares palavras de António Telmo. Nascido, no Porto, em 1904, José Marinho veio a falecer, em Lisboa, em 1975 – por ocasião dos 50 anos do seu falecimento, o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, em parceria com o Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, realizou, no Porto e em Lisboa, um Colóquio sobre a sua Obra e Pensamento, em que se apresentaram os textos que aqui publicamos.

Como sempre, destacamos “outros vultos” da cultura lusófona, começando, neste caso, por António Ferro, provavelmente o melhor Ministro da Cultura que Portugal teve nos últimos 100 anos – como, também de forma lapidar, escreve António Braz Teixeira neste número da *Nova Águia*: “Afigura-se culturalmente incompreensível que, decorridos mais de oitenta anos sobre a morte prematura e trágica de Duarte Pacheco (1899-1943) e setenta sobre o desaparecimento de António Ferro (1895-1956), não haja ainda sido reconhecido o papel decisivo que, como Ministro das Obras Públicas (1932-1943), o primeiro teve na introdução da arquitectura moderna entre nós e não tenha sido possível, até hoje, proceder a uma avaliação serena, séria, objectiva e justa da importância

da acção cultural que o segundo desenvolveu, de 1933 a 1949, à frente do Secretariado de Propaganda Nacional/ Secretariado Nacional de Informação e, de 1941 a 1949, como presidente da Emissora Nacional (cargo que acumulou com aquele), e o que essa acção teve de inovador e de antecipador ou precursor de iniciativas e realizações que, com meios incomparavelmente superiores, a Fundação Calouste Gulbenkian e outras instituições vieram a levar a cabo décadas mais tarde.”

Após evocarmos ainda António José de Brito, António Telmo, Francisco da Cunha Leão, Gilberto de Mello Kujawski, José Carlos Craveiro Lopes, José Maria Amorim de Carvalho e Silvestre Pinheiro Ferreira, temos mais de uma dezena de “outros voos” e, em “extravoo”, o (duplo) regresso, que aqui saudamos, de Paulo Borges às páginas da nossa Revista, com o ensaio “O infinito no espírito do lugar: para uma fenomenologia mítico-simbólica e profética da cultura galaico-portuguesa”. Finalmente, depois da rubrica “Periódicos Eternos”, destacamos ainda uma dúzia de publicações recentes, começando por seis obras com a chancela do MIL (Movimento Internacional Lusófono) publicadas nos últimos seis meses, sem esquecer mais uma edição do nosso Caderno Poético e Visual – desta vez com poemas de Manuel Cândido Pimentel e ilustrações de Cláudia Guerreiro –, bem como todos os demais poemas que aqui publicamos. Na poesia e, sobretudo, no ensaio, número após número (e estamos já a caminho dos quarenta), a *Nova Águia* confirma-se assim, nas palavras também lapidares de Miguel Real, como, provavelmente, “a única revista portuguesa de qualidade que, sem se envergonhar nem pedir desculpa, continua a reflectir sobre o pensamento português”.

A Direcção da NOVA ÁGUIA

APROXIMAÇÃO DA REFLEXÃO ESTÉTICA DE JOSÉ MARINHO

António Braz Teixeira

Ao Jorge Croce Rivera

1. Se, das gerações anteriores à sua, foram Sampaio Bruno (1857-1917), Leonardo Coimbra (1883-1936) e Teixeira de Pascoaes (1877-1952) os autores que mais profunda, duradoura e decisivamente marcaram o percurso intelectual e a demanda espiritual de José Marinho (1904-1975), na sua própria, foram, decerto, Álvaro Ribeiro (1905-1981) e José Régio (1900-1968) as duas figuras intelectuais que mais próximas se acharam do seu espírito metafisicamente interrogativo e inquietamente religioso e aquelas com quem manteve mais intenso diálogo que, no que à reflexão estética diz respeito, se apresenta, muitas vezes, de carácter tácito ou implícito, não deixando de registar a sua meditação sobre a arte assinaláveis convergências com o pensamento de um e do outro. É o que acontece, por exemplo, quanto ao autor de *A razão animada*, com a interpretação da concepção aristotélica da arte como “imitação da natureza”, com o papel essencial atribuído à *imaginação* na criação artística, com a constitutiva dimensão *simbólica* da arte ou com a referência do pensamento de ambos os filósofos portuenses ao magistério de Leonardo Coimbra, Teixeira Rego (1881-1934) e Aarão Lacerda (1890-1947), e, relativamente ao alto poeta de *As encruzilhadas de Deus*, com o entendimento da arte como *expressão*.

Diversamente do que ocorre com Régio, cuja reflexão estética se acha consubstanciada em dois longos ensaios, a de Marinho encontra-se dispersa por um grande número de textos, de diversa índole e extensão, muitos deles fragmentários, inéditos até à edição, ainda em curso, da

obra do autor da *Nova interpretação do sebastianismo*, iniciada, há trinta anos, graças à dedicação e competência de Jorge Croce Rivera¹.

Será com base nessa edição que, neste breve escrito, se tentará realizar uma primeira aproximação da reflexão sobre a arte desta figura maior do pensamento português e europeu da centúria finda.

2. Uma primeira aproximação ou abordagem do pensamento do José Marinho sobre arte e estética deve começar por atender a que, para ele, a *Estética*, no princípio nos estados intermédios, era *Filosofia da Arte*, o que significava que, na sua essência, como todo o saber, ela não se distinguia da filosofia ou com ela se identificava. Seria isso que, em seu entender, permitia superar a demasiada atenção ao sensível que a palavra *estética* exprime, o que apenas se lograria buscando “o mais íntimo ou supremo mistério que se significa no sensível ou pelo sensível”.

Assim, para Marinho, o segredo de toda a *Estética* e de todo o saber de carácter estético achar-se-ia antes do homem e para além dele, pois naquilo que é visível e invisível na Natureza perpassa já e adquire forma o que excede as obras do homem.

Necessário seria, também, atender a que, no plano estético, a consciência do fim ou da finalidade visada torna, demasiadas vezes, obscuros a origem e o processo, convindo, igualmente, não esquecer o papel constante que, neste domínio, desempenha o *juízo de valor*, pois a arte pertence à escala ascensional dos *valores* (que se nos

¹ Até à data, acham-se editados, pela Imprensa Nacional, onze tomos da edição crítica das obras José Marinho que cobrem o período compreendido entre 1924 e 1961.

JOSÉ MARINHO: EM TORNO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E FILOSOFIA

Artur Manso

INTRÓITO

O propósito desta investigação é elencar as ideias gerais sobre ensino, educação, cultura e filosofia que José Marinho veio a sistematizar mais tarde em dois textos: *Elementos para uma antropologia situada* (1966) e *Filosofia: ensino ou iniciação?* (1972), ambos sob a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian e que já foram objeto da minha análise¹. Estes ensaios são contemporâneos do labor epistemológico que deu origem à designada Filosofia da Educação que tem em R. S. Peters, na década de 1960 um dos seus iniciadores² e mais ligado ao espaço português o filósofo catalão Octavi Fullat i Genís³ que continuou a partir da década de 1970 a fundamentação do mesmo ideário com proximidade, entre nós, à obra dos nossos contemporâneos que mais se destacaram nesta área: José Ribeiro Dias, Manuel Alte da Veiga, Adalberto Dias de Carvalho, João Boavida e no mais numinoso de todos desta geração, Manuel Ferreira Patrício. José Marinho, que também foi professor e crítico da pedagogia, é porventura o intelectual com menor especulação pedagógica do escol proveniente da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto⁴, mas pertence a um

grupo restrito de pensadores portugueses do século XX que anteciparam o valor destas problemáticas e a necessidade de as justificar epistemologicamente face à nova realidade educativa, a massificação do ensino e da aprendizagem, iniciada no mundo ocidental na primeira metade do século XX, com a consequente necessidade de formar profissionais do ensino, isto é professores, que para além de terem que estar apetrechados com os saberes das áreas de formação, deveriam, também, aprender a ensinar num quadro de cultura universal que deve ter a sua base na especificidade nacional.

Associado a outros autores que estudei, fica evidente de como um grupo de intelectuais portugueses, das mais diversas proveniências, uns mais teóricos e especulativos, outros mais práticos, pensaram estas questões muitos anos antes daqueles que passaram a ser referência nestes estudos, aprofundando-as e tornando-as relevantes. O local, neste caso como em tantos outros, obscureceu o global, adiantando modos de pensar que iriam, por iniciativa de estudiosos de outros povos, tornar-se universais.

¹ Cf. Manso, A. (2005). José Marinho. Elementos para uma filosofia da educação, em AA VV, *O pensamento e a obra de José Marinho e Álvaro Ribeiro*, vol I. Lisboa: IN-CM/UCP, pp. 381-402.

² Cf. R. S. Peters (1973). *The Philosophy of Education*. Oxford University Press.

³ Cf. Octavi Fullat i Genís (1978). *Filosofías de la Educación*. Barcelona, CEAC.

⁴ Álvaro Ribeiro publicou sobre educação para além de pequenos textos e capítulos em outras obras, os ensaios *Escola formal* (1958) e *Liceu aristotélico* (1962). Sant'Anna Dionísio, *Do ensino da filosofia nos liceus* (1931); *Jardins de infância* (1945); *A filosofia como objeto da pedagogia* (1952); *Diálogo*

do Jardim (1960); *Reforma das faculdades de ciências. Reflexões e subsídios* (1960); *Pedagogia Culminante dos Gregos* (1962); *Enigmas helénicos* (1969). Agostinho da Silva o membro mais produtivo e profícuo desta prol, no campo da educação, publicou várias biografias de figuras marcantes da pedagogia: Montaigne, Pestalozzi, Montessori, Sanderson; ensaios sobre Coménio, Tolstoi, Ivan Illich, Escolas de Risinghill, de Lietz, da Dinamarca, Pedagogia oratoriana, educação africana, bem como o polémico ensaio *Educação de Portugal* (1989). Pode conferir-se o essencial da sua obra pedagógica em: Agostinho da Silva, *Textos pedagógicos*, 2 vols, Âncora, 2000, bem como nos três volumes das *Biografias* publicados pela mesma editora em 2003.

LENDO JOSÉ MARINHO, OU DA FILOSOFIA

João Luís Ferreira

Entre a Defesa do Racionalismo e Análise da Fé (1866) e A Alegria, a Dor e a Graça (1916), decorre em Portugal o processo pelo qual a razão gradualmente se abre a tudo quanto de início supusera poder excluir.¹

1. BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE A RELAÇÃO DE JOSÉ MARINHO COM A FILOSOFIA PORTUGUESA

A obra de um autor pode ser vista de várias perspectivas e a sua própria idiossincrasia poderá ser terra fértil de múltiplas análises, como também de abusos ou de inspirações. A vida do pensamento, expressa através da autoria, rasga essa possibilidade porque, uma vez escrito, expresso, publicado, o pensamento deixa de se centrar no autor porque é próprio do pensamento ser absorvido, ser partilhado e ser apropriado por quem o lê, ouve, reflecte e pensa. Porém, esse pensamento não é o pensado, porque não há pensado em filosofia, mas apenas e só pensar. Neste sentido, quando enquadrámos a obra publicada de José Marinho no movimento da filosofia portuguesa, salvaguardamos que o seu percurso desde a publicação de *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra* até ao livro publicado postumamente *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, permaneceu no mesmo passo autónomo e fiel à tradição cuja eclosão identificou com o período entre a publicação de *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé* de Pedro Amorim Viana em 1866 e *A Alegria, a Dor e a Graça* de Leonardo Coimbra em 1916 (*Idem*). Nesse período, segundo José Marinho, o conceito de razão libertou-se do espantoso de restrições

e bloqueios que a oposição entre o teologismo de eclesiásticos e o cientismo dos políticos impunha à vida intelectual e enveredou por uma via que abriu a presença do irracional, do inominado e do inefável no seio do homem e da sua razão, do mundo e da sua mais comum e trivial existência, rejeitando e abandonando aquela segurança e impropria garantia de si que a aparência exigida por blocos opostos entregues à luta pela hegemonia na sociedade apresentava como definitiva e certa. Corresponde o período a que se refere José Marinho, àquele em que tanto Sampaio Bruno como Leonardo Coimbra fizeram a sua transição das esperanças frustradas no cientismo, durante as respectivas juventudes, para a consciência de que o cientismo e toda a filosofia moderna representavam uma minoração das possibilidades do pensamento filosófico, uma alienação da razão de haver razão, uma recusa da responsabilidade da acção do homem e, por consequência, a obsolescência da sua missão na terra e, perante o paradoxo a que a filosofia moderna conduz, souberam ver e pensar a abertura à metafísica, como um regresso à essência da filosofia, como urgência de pensar o pensamento que cria a realidade. Esta é tese assente desde a página inaugural de *O Criacionismo* de Leonardo Coimbra, de 1912, e ainda mais recentemente surge elencada por Orlando Vitorino em *As Teses da Filosofia Portuguesa*.

José Marinho foi filósofo e escritor, porém, e não obstante o espólio monumental de inéditos que tem vindo a ser perseverantemente publicado, deixou publicadas, além de inúmeros artigos, três obras de capital importância: *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra* (1945), *Teoria do Ser e da Verdade* (1961) e *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*

¹ *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, José Marinho. Lello & Irmãos-Editores, Porto, 1976. Pág. 13.